

Revisitar a cidade: identidades religiosas em meio urbano

JOSÉ DA SILVA LIMA

Faculdade de Teologia (UCP)

Intenção

O intuito do presente artigo situa-se no enquadramento da questão do *catolicismo em meio urbano* no recente inquérito sobre as identidades religiosas, procurando pistas possíveis para uma ação concertada sobre a vida religiosa católica em ambiente urbano, hoje; não nos vergamos à carestia de ação, mas indicamos pistas para uma possível ação pastoral, considerando a cidade como um areópago real da tarefa obrigatória da Igreja Católica.

É de tal maneira evidente a invasão da cidade que o seu estilo de vida impregna hoje os mais variados contextos nos quais se edifica o ser humano: penetrou em meio envolvente montanhoso, sendo exigido por montanheseiros um transporte que os torne próximos dos bens que outrora a civilização limitava à cidade; penetrou nos meios mais rurais, facilitando o acesso aos grandes comércios que antes eram apanágio de grandes cidades; penetrou em zonas mais litorais, desenvolvendo o tempo de descanso que foi muito tempo um direito dos serviços reservados à urbe; entrou em

meios industriais, particularmente no âmbito desportivo ou de acesso a equipamentos desportivos para todos. A cidade não é reduzida à sua superfície; o seu estilo está disseminado por toda a parte e os seus obreiros nem se dão conta da sua presença.

Valores emergentes

Grand'Maison elabora um quádruplo caminho de recomposição identitária de acordo com valores em destaque e que convém enumerar e verificar nas nossas cidades: *o caminho da qualidade de vida, o do sentido, o da revisão dos valores e o das relações de proximidade*¹. Não sendo limitadas à vida urbana, são recomposições que dizem bem o panorama dos itinerários em vida citadina e encontram-se disseminados por todos os lugares onde a vida humana pretende ter horizonte, sendo justificada². Aparecem como recomposições afastadas talvez do sagrado tradicional, mas com as suas transcendências.

1. Assistiu-se nos últimos tempos a uma assunção da qualidade vital efémera como imagem do bem estar pessoal; talvez a emergência de uma transcendência esquecida ou simplesmente ignorada por momentos. A *criança* aparece como figura onde a qualidade se necessita de velar para que o futuro apareça como trunfo de um presente vivido com qualidade. A vida humana não se quer com repetições, mas deseja-se nimbada de outros bens que a geração presente não pode disfrutar, sendo a criança o símbolo do futuro onde se esconjura o mesmo procedimento. Esta figura de recomposição está muito presente na sociedade urbana e mobiliza vontades. Requer-se que o mesmo déficit não apareça para as gerações que são as do amanhã, projetando fortes esperanças no futuro mais risonho e numa terra repleta de bens. É um pouco a espiritualidade de muitos, entregues à construção de uma sociedade onde os que chegam possam disfrutar de um paraíso perdido por instantes e ansiado como expectativa. Esta senda da qualidade faz o seu acampamento em muitas biografias.

¹ Jacques GRAND'MAISON, «Décompositions et recompositions du social e du pastoral», in Jean-Guy NADEAU-Marc PELCHAT (dir.), *Dieu en Ville*, Montréal : Novalis, Paris: Cerf, Bruxelles: Lumen Vitae, Lausanne: Labor et Fides, 1998, 84-89.

² Cf. Peter BERGER, *La religion dans la conscience moderne*, Centurion: Paris, 1971, 66.

2. As coisas requerem-se com sentido. Uma outra forma de se projetar para o mais estranho; uma forma de mendigar o que só é alcançado em fragmento nos tempos que são dados viver; uma estafeta que faz caminhar, pois nunca se alcança o sentido absoluto. Mas apenas se caminha em sensatezes parcelares; uma transcendência espreita no horizonte também, mas o tempo é de busca incessante, de ensaios jornalheiros, como a figura que nunca está bem onde está; uma figura de movimento que faz arrancar para mais acima, que faz progredir e que torna o campo urbano em que se vive fascinante. É fruto do elementar humano que acordou, mas está ainda preso pela miragem do progresso e muito obcecado por vontades indomáveis de sempre mais. O sentido paira num horizonte que nunca é alcançado e instiga a cada passo novo; não se satisfaz com o apresentado e obriga a dar umas voltas mais pesadas. A figura é insatisfeita e tem modelo no *atleta* que nunca pára no que alcançou, mas quer sempre ir mais longe. Vive em todo o ambiente, mas configura-se preferentemente ao meio urbano³, no qual sente a liberdade de nunca estar bem.

3. Possui termos de comparação e adapta-se subtilmente ao que lhe é sugerido; vive na esteira de valores que lhe foram legados e dá-se ao luxo de tecer comparações com o que hoje pensa; nunca sai da órbita da sua subjetividade, mas faz julgamentos em casa privada e com alguma celeridade; tem a sua caderneta de valores que muitas vezes lhe foram transmitidos pela urgência do campo social; é uma figura mais amadurecida e já com sinais de história narrada, mas não tem receio de dizer que agora as coisas mudaram de canal. Tem um itinerário de cinco ou seis décadas. É bem mais adulto na postura que detem; anda de mão dada com a sua geração e avalia o que vem na cartilha do que já passou; pensa várias vezes no que lhe dizem e ainda tem referências vagas de um código que lhe foi legado e este funciona na sua ótica sem tardar; os valores não são já os do seu tempo, mas vê saltitar os novos e pensa que virá um tempo de prova de seriedade; tudo é fugaz, passageiro, mas antes tudo era mais certo e mais autónomo: estão à prova as gerações de agora que enfrentam o que nunca se imaginou; “que tenham alguma sorte”, o que não é evidente pelo rumo que seguem. O passado inspirava mais certeza. Viveu numa época em que algo ficou enca-

³ Cf. GRAND'MAISON, «Décompositions et recompositions», 86.

vado na identidade e passou o resto do tempo a ver as coisas de outro modo, sem predisposição para mastigar o que lhe deram. Hoje vive uma revisão⁴ de adaptação e não tem tempo suficiente para ver as coisas que vão aparecendo; não consegue desfazer-se daquilo que lhe entregaram e vive em encruzilhada permanente. É a figura do *avô*, homem ou mulher de encruzilhada, vive na ânsia do futuro com óculos do tempo ido que vertiginosamente foi ultrapassado, ainda dando provas de valores de perenidade; a sua transcendência é axiológica, compondo um movimento de repesca do seu tempo ido e de novidade emergente da ribalta social. Estacionou num *cruzamento*.

4. A outra figura relaciona-se com os mais vizinhos ou mais próximos e isto lhe basta; vive numa pequena aldeia que construiu de raiz sem muitas preocupações. Trata-se de uma aldeia pessoal que edificou na sua cidade; o modo de vida é urbano, com todos os condimentos de estilo, mas apostou nas relações que o seu viver constante lhe proporcionou: leva os filhos mais novos ao ensino nos clubes, frequenta um spa e habituou-se a tratar por tu os parceiros que acompanham outras crianças; à noite segue para o clube de música onde o seu adolescente já consegue ter sons num clarinete; gosta das pessoas que encontra e de tempos a tempos reúnem-se para que não seja tão massador, mas possua alguma consolação; tem uma tertúlia marcada cada mês com aqueles e aquelas que frequentam o mesmo salão de cabeleireiro; ao sábado joga ténis com os colegas que já não se separam; antevê a reunião em frente de um gigante ecrã para uma partida de desporto: reparte-se assim numa “cultura clubista”⁵. Figura do *turista*, esconde-se para ir ao culto mais afastado do seu bairro onde encontra outros colegas que ainda acreditam; estas coisas de religião povoam-lhe o pensamento, não requerendo muito desperdício de tempo: gosta de manter acesso a deus que revitaliza de tempos a tempos. Sobretudo a sua composição é tecida de muitos pactos com diferentes clubes e joga a sua identidade num relacionamento de vizinhança; não que a vizinhança seja física a não ser nos encontros, mas revela-se de *proximidade circunstancial* como a sua trajetória. Habita na cidade o que lhe fornece o conforto de ter as coisas que quer, mas fez um burgo real com as pessoas que fazem parte do seu enquadra-

⁴ «La référence aux valeurs permet l'exercice herméneutique de discernement, de révision e de choix libres»: *Ibidem*.

⁵ *Ibidem*, 87.

mento vital. Descobre uma esfera de transcendência na relação que o faz ser. Vive numa frágil *aldeia humana*, ao sabor constante de encontros que o gratificam.

Na cidade hodierna

Convém ter presente que a população do mundo atual habita em cidade a 50%, prevendo-se, no parecer das Nações Unidas, que a percentagem seja aos poucos aumentada para atingir os 70% pelos anos do meio deste século primeiro do terceiro milénio⁶. Os habitantes vivem sobretudo nas grandes metrópoles e é nelas que vão inscrevendo os seus modos de vida típicos.

Em Portugal, o género de vida urbana campeia, até pelas acessibilidades que a isso obrigam, fazendo aumentar as dissemetrias entre os abastados e os famintos, estes que edificam suas aldeias nas cidades e aqueles que fazem emigrar as cidades e seu conforto para alguns ambientes mais ruralizados e mais ecológicos. Na Europa, cerca de 73% da população é urbana, sendo que no Sul os países são mais rurais⁷. Isto faz ressaltar imediatamente que o estilo urbano não é de todo uniforme, o que entre nós obriga a pensar numa atitude de muita proximidade da real situação concreta de cada um dos atores.

O facto de se registar uma permanente demanda da cidade não significa que os comportamentos sejam estritamente padronizados nem que as mentalidades sejam de todo urbanas, mas comportam marcas indeléveis da vida agrária nas populações que emigraram para a cidade por força da vontade ou da necessidade de muitos e não só nestes. A par dos casos mais gritantes da formação de guetos culturais de índole vincadamente rural, assiste-se ao fenómeno da reprodução aldeã em meio urbano, dificultando de certa maneira a vida dos cultos do padrão citadino.

As cidades no nosso país não são muito avolumadas, excetuando-se Lisboa e Porto. Nas cidades de média dimensão, nunca ultrapassando os 300.000 habitantes ou nos limites da centena de milhar, o que é o caso da

⁶ Cf. *L'Atlas Des Civilisations*, le Monde, hors-série, 2012, 158.

⁷ *Ibidem*.

maioria das cidadezinhas portuguesas, procede-se como em ambiente rural, pois a aglomeração urbana não é senão a adição de aldeias reunidas num determinado perímetro que começou a chamar-se cidade.

A cidade é antes de tudo uma formalidade administrativa e não uma unidade cultural; esta vai-se elaborando aos poucos com o sucessivo movimento generacional. Ora as aldeias prévias ostentavam com brio a sua igreja como centro de vida no antanho cultural, o que prossegue na sua função social de aglutinar comportamentos que se enfraquecem na medida de outros centros aglutinadores ou pela força inestimável dos *media*, fontes destruturantes e, com os anos, praças compositoras de outras formas de estar. Ainda se podem observar os antigos fontanários da aldeia ou do lugar típico, hoje esteticamente elegantes e dando origem a lugares mais de distração e de tempos livres. As antigas aldeias ainda não deixaram extinguir-se os sinais da sua composição e só o volver das gerações fará perder a marca de ruralidade topográfica que encerram. O mesmo se passa com as composições dos itinerários propriamente religiosos, dando contas das socialidades emergentes no âmbito das aldeias que se percebem ajuntadas; mais juntas são paulatinamente mais anónimas e com o volver das gerações enfraquecem na memória patrimonial; os cantos e curvas de um lugarejo ficam na memória dada a sua diminuta concorrência, ao passo que à medida que proliferam perdem-se no anonimato de um diâmetro mais longo e portanto mais difícil de guardar na totalidade.

1. Decorridas algumas décadas, o fenómeno da *comunicação social*, de forma especial a televisão, constitui hoje uma verdadeira escola cuja frequência é fortemente assegurada pelas gerações nos extremos da pirâmide societária, as crianças e os idosos, ocupação de uns em muitas creches com filmes de animação infantil e de outros do topo oposto em salões de dia ou em residências séniores e lares de todo o tipo; estas gerações são informatizadas nesta escola de passatempo e de literatura e de ciência muito abertas à produção cultural de momento; sobretudo entretêm-se com casos circunstanciais e preenchem-se horas de programação turística que cria cedo apetite ou grande frustração. Por outro lado, a Net fabrica inconscientemente um outro modelo de homem, poderoso, com pretenções e plenamente confiante nas revoluções; basta ver o sucedido com Twitter em 2009, com a informação em tempo real da agonia e morte de Neda e com

as manifestações da primavera árabe⁸ na Tunísia e no Egito em 2010. Trata-se de uma espécie de zumbido mundial⁹ que altera concepções e estilos, decompondo parceladamente os itinerários de todos; gera-se o fim da estabilidade e da constância no volver das coisas de civilização.

2. Além disso, *a noite* tornou-se num novo dia para as gerações em época de mercado de trabalho; nos dias de trabalho vela-se um pouco mais pelo descanso exigido, ao passo que o fim de semana se tornou na hipótese de uma outra vida disponível, longe de horários e sobretudo compulsivamente fraturante de monotonias; tornou-se num ritual sucedâneo de outros que compunham as trajetórias de outros tempos. Não será de estranhar que as sucessivas gerações adiram facilmente a tais rituais que conjugam tempo de ócio e desenvolvimento de pactos de estilo muito próprios de uma geração mais votada a viver a vida na sua transparência momentânea; os rituais religiosos entraram em desuso porque substituídos elegantemente de maneira muito pragmática. A cultura “by night” vai-se desenvolvendo socialmente, sendo de apreciar as multidões noturnas que povoam o imaginário com símbolos diferentes; muitas vezes, são as digressões noturnas que ajudam devagar a destruturar o universo formado e a voar para outro mais ao alcance da mão. A noite é fenómeno ambivalente¹⁰, povoado de todas as forças aptas a uma decomposição do adquirido e voltado a dinamismos inconscientes de reestruturação; aparece como hipótese de possíveis conciliações, onde o dia cede ao tenebroso, a clareza à confusão, o lógico ao caótico, o racional ao mais afetivo; metade das gerações hodiernas vivem quase todo o tempo de noite, podendo mesmo estudar nos chamados cursos noturnos; não se estranha que a cultura que aparece seja mais lunar do que solar e que os padrões de comportamento sejam mais confusos na atualidade. Este tipo de cultura estende-se facilmente até de madrugada, sendo que as identidades refletiram uma tal opção.

3. O *desporto* marca as sociedades urbanas; praticar algum desporto alia não só a mente ao corpo, mas também aos laços sociais. Defende o sujeito na sua dupla vertente saudável e social, na sua esfera subjetiva e coletiva,

⁸ Cf. *L'Atlas des Civilisations...*, 172-173.

⁹ Cf. Ph. MERLANT, «Communication le buzz mondial», in *L'Atlas des Civilisations*, 172.

¹⁰ Cf. Xavier LÉON-DUFOUR, *Vocabulario de teologia bíblica*, Herder: Barcelona, 1976, 586.

suscitando movimentos que potenciam o indivíduo belo e socialmente conseguido; a sociedade estampa cada vez mais uma ânsia de ser feliz porque fisicamente atraente e de êxito que se retrata nas capacidades de gerir bem os clubes a que se pertence. Esta marca penetrou em todas as latitudes da sociedade, embora seja mais notório nas novas zonas urbanas que atraem em ciclovias ou em itinerários de marcha e lazer adaptados a todos e livres de qualquer perigo; há alguns caminhos livres de aldeia na cidade. O tráfego circula ao lado, mas as pessoas disfrutam de sadia segurança, enquanto fornecem ao corpo moléculas de ar fresco e enzimas de reequilíbrio global: os passeios crespulares e as saídas com os mais amigos provocam bem-estar pessoal e fomentam a sociabilidade; espicam-se novos relacionamentos e assim se potencia a vida de sociedade em conjugada diversidade. Pistas pedonais e ciclovias são a ostentação de uma sociedade mais atenta aos ritmos físicos e mais dotada de equipamentos de vida ao ar livre. Emergem instituições adequadas e substituem-se rotinas que estão em favor da vida qualitativamente melhor. Nem se fale do futebol que, parceiro da TV, faz do planeta um estádio global, recorde de mundialização¹¹, contribuindo assim para a identidade nacional regenerada “recordando aos povos que vivem no seio de fronteiras e que formam uma comunidade”¹², construída em “cimentos de unidade nacional”, com bandeira que voa ao vento e com um Hino inconfundível. A coesão parece mais visível.

4. A cidade é o lugar por excelência dos *spas* ou de *ginásios* onde se cultivam todos as cerimónias do novo sujeito atraído por *fitness*. Um novo palco empoleirado por muitos que praticam outros rituais, obstinando-se na prossecução de uma nova forma possível; medem-se ao centrímetro as larguras físicas e destacam-se objetivos de perda de peso, vinculados a máquinas que se prontificam a colaborar com todos com a mesma intenção. Se, até ao momento, se entrava numa capela ou igreja ao fim da tarde, agora frequenta-se o ginásio em fim de trabalho, dá-se um encontro com assembleia pequena de dimensão humana conveniente e sai-se com calorias diminuídas e com retempero físico e espiritual no fim de um dia de azáfama. Pertence ao terapeuta a frente e o comando e os dízimos são ditados

¹¹ Cf. Pascal BONIFACE, *L'Atlas des Civilisations*, 170.

¹² *Ibidem*.

ao fim do mês pelo cartão de crédito ou pelo número de sócio de adesão. Para estar em forma e sair contente do salão, basta possuir um pouco de dinheiro sendo correto e honrado nas saudações e despedidas de cortesia. Ninguém interfere com ninguém, exceto que se criou um novo controle dos mais atraídos. Aparecem assim outras instituições na cena social e outros modos de vida muito longe dos padrões tradicionais e sobretudo adquirem-se novas rotinas enquadradoras do agir coletivo e arreligiosas na sua base empírica, embora não desconectados de toda a transcendência.

5. Depois são os lugares das *galerias* com as marcas a cintilar, mas nem é preciso estar na cidade; elas existem em toda a parte, mas são um cartão de visitas urbano; algumas vezes frequentam-se, como outrora as devoções promovidas pela socialidade dominante: são passeios de sábado depois do meio dia de trabalho e mobilam muito os domingos sobretudo porque se aproveitam ares condicionados e aquecimentos. Uma devoção de muitos urbanos que ganhou fiéis em todos os atraídos pela moda e pelas marcas. O que é preciso é tornar o produto apetecido e muito mediatizado e depois é preciso estar atento porque a novidade da marca dura tempo, sobretudo se é cara. As novas romarias são climatizadas e nos corredores luzidios tudo é possível na liberdade de quem dá um passeio só para cumprir promessa de ver as novidades. Cada um é mais livre em tudo o que deseja e dobra o joelho diante das montras mais belas apaparicando uma conversa com o amigo que acompanha; de quando em vez, solta-se uma jaculatória. A romaria poderá acabar com a agenda na mão para encontrar data de nova cerimónia na galeria de última moda, a mais recente.

6. O conceito “terra-pátria” proposto por Edgar Morin está enfim na cena dianteira do mundo. Ao expirar o documento de urgência de Kioto (2012), a cimeira da terra não se faz esperar e o projeto é renovado no Rio de Janeiro¹³. Por todo o lado se mendigam espaços verdes, o pulmão das cidades, numa ânsia de ultrapassar os metros quadrados de betão que limitam o viver do cidadão: jardins ou bosques, espaços de outro ar fora do fumo dos veículos da cidade, “hortas biológicas” ou simples relvados preenchidos de algum arvoredado fazem o encanto dos mais velhos e a distração

¹³ Olivier NOUAILLAS, *L'Atlas des Civilisations*, 176.

dos mais pequenos e novos ou o trabalho de muitos cidadãos na atualidade. Colocam-se planos em agendas culturais e *mitifica-se a relva* como espaço vital; e o verde e a floresta ganham audiência nos fóruns sociais e parecem alcançar fiéis amplamente voltados à ecologia. O encanto de outra atmosfera deseja-se à medida que vai faltando: retirando para cenários urbanos, como enfeites, o que mais seriamente se vislumbra com árvores exóticas nas galerias e com relvados artificiais para recordar a verdura; o sonho abunda na proporção direta da minguagem. O sonho ecológico transcreve nos espaços herméticos o desastre de uma terra seca e infecunda, projetando miragens de um regresso ao passado, onde o homem se regalava da poeira dos caminhos, das flores espreitando dos valados e da verdura que brotava em qualquer senda. A cultura conjuga desporto com ecologia e inventa cursos de água onde o cimento pareceria rebentar com a ecologia: as piscinas nas cidades são disto um sinal.

QUADRO I
Fenómenos emergentes

- | |
|-----------------------------|
| ✓ Comunicação social |
| ✓ Noite |
| ✓ Desporto |
| ✓ “Spas” / Ginásios |
| ✓ Galerias / Marcas |
| ✓ “Terra-pátria” / Ecologia |

Na idade Juvenil

Apraz registar que nem a “secularização” nem a “modernidade” explicam cabalmente o que vai acontecendo. Recorde-se o que é escrito por A. VAN DER VEN a este propósito¹⁴. A primeira porque muito circunscrita aos de dentro, medindo a religiosidade pelas práticas, e a segunda porque muito generalista, sem espaço para evocar os itinerários mais concretos quer dos de dentro quer dos de fora; de facto, o mundo é o que é, um es-

¹⁴ Cf. Johannes A. VAN DER VEN, «Dieu en Ville», in Jean-Guy NADEAU – Marc PELCHAT (dir.), *Dieu en Ville*, Montréal: Novalis, Paris: Cerf, Bruxelles: Lumen Vitae, Lausanne: Labor et Fides, 1998, 147-160.

paço secularizado e racionalizado o que pouco refere sobre os itinerários daqueles que acreditam de forma muito diversa. O que se encontra é itinerários mais ou menos diferentes que cruzam com acontecimentos diferentes e os gerem em atitude múltipla. Não conta que sejam deste ou daquele espaço, mas refletem conseqüentemente os cruzamentos com os diferentes fenómenos. A secularização exprime um aspeto da vida com o qual é necessário hoje contar; o mesmo seja dito da racionalização, como o formulou Max WEBER.

Não se poderá pensar que são elas as responsáveis por uma forma nova de viver religiosamente, já que todos são secularizados e modernos ao sentirem a relatividade das grandes instituições religiosas e ao olharem mais para tudo o que se vai dizendo em nome de Deus. Trata-se mais de uma forma de estar do que de uma implacável maneira de representar as formas de religião. Temos sabido que as formas atuais de se dizer religioso são secularizadas e modernas, isto é são deste tempo marcado por uma e por outra. Estas características marcam os itinerários fora e dentro da religião. O católico convencido e atribulado com as reviravoltas da sua crença participa da secularização imposta na vida social, como um ateu confesso executa um percurso que diz em absoluto a sua modernidade destemida.

Pude ler ultimamente um artigo¹⁵ que constrói com espírito aberto o que se passa hoje sobretudo entre a população mais jovem. Pretende-se apurar o estilo plural dos mais jovens, na sua forma de se dizerem cristãos; confesso que está um pouco de acordo com o que se vai encontrando nas cidades que atravessamos no nosso quotidiano, sejam mais ou menos jovens. Todos vivem num ambiente em que as instituições perderam a sua hegemonia, secularizadas que estão e são teimosamente críticos para não deixar passar tudo de forma irrelevante, racionalizados que estão também. No artigo que refiro, pensa-se em quatro tipos de maneiras de pertencer à Igreja Católica por gente mais nova, que podem surgir algo para a reflexão presente sobre os mesmos itinerários presentes em tecido urbano. Neste sentido e em jeito de síntese, importa apresentar os tipos, fazendo alguns comentários.

¹⁵ Cf. Teresa MESSIAS, «Espiritualidade cristã e identidade crente nas culturas juvenis», in *Communio*, XXIX:1 (2012) 113-128.

1. Detetam-se à partida os *militantes*. Creio tratar-se de convencidos, mais do que militantes no sentido da juventude católica. Não serão uma espécie de combatentes pelo catolicismo, embora como minoria, procurem dar um testemunho sereno daquilo em que acreditam; não embandeiraram a religião como os antepassados, mas são fiéis ao que lhes fora transmitido e estão convencidos que é uma autêntica forma de viver para os tempos que correm. São uma espécie de convencidos aceitantes, sem precisar de gritar aos quatro cantos aquilo em que acreditam. Vivem empenhados com o que escolheram e são relativamente lúcidos em relação à doutrina que professam. A tradição católica corre serenamente nas suas veias. Estão transformados na sociedade de que fazem parte e aceitam que as identidades não são de todo uniformizadas, embora acreditem no que fazem.

2. A seguir aparecem os *flexíveis*, contentes com aquilo que fazem, mas não votados a uma possível cruzada; mais ou menos acreditam no que lhes dá mais jeito, e por isso participam esporadicamente no culto que lhes é proposto sempre com um grão de sal para não atular demasiado o que é para ser feliz; acreditam, mas não estão dispostos a toda a carga social que isso comporta; não abdicam de se dizerem cristãos, mas sabem compor conscientemente segundo as reais circunstâncias de vida. As realidades em que estão votados a acreditar não são uma questão de vida ou de morte, mas apenas uma forma de apontar um certo sentido ao que não se entende e ao que ninguém pode abonar de forma comprovada na experiência. Vivem com “uma grande liberdade”¹⁶ e não se contentam com o que os outros dizem, mas procuram interpretar para conseguirem fornecer sentido às vivências quotidianas. São ávidos de novas experiências nacionais e internacionais onde entrelaçam rituais mais próprios para a idade e onde misturam ingredientes de diferentes registos religiosos. Dificilmente se limitam a uma confissão, mas são um tanto saltimbancos das experiências que podem emprestar alguma alegria à vida. A flexibilidade é de conteúdo e de forma, pouco importando a origem da mercadoria; gostam do divino que responde de momento e que muda para responder ao que se necessita.

¹⁶ Cf. *Ibidem*, 124.

3. Surgem os *amorfos*: descrevem um itinerário de indiferença quer institucional quer doutrinal. Não ligam muito ao que é veiculado pelas instituições que possuem algum nome, mas vivem numa indeferença de registos tópicos; na serena utopia do que é mais apto para cada ocasião, não perderam nada porque nada tiveram antes; olham as propostas como simples oportunidades de cada flanco; não navegam em nenhuma confissão particular, mas julgam que a vida traz à superfície o que deixará algum rastro; não interessa a proveniência. Interessa o produto apresentado com a capacidade de competir em mercado de gostos passageiros; fogem de receitas mágicas e são muito fugitivos em relação a propostas muito cheirosas. Não frequentam clubes com marca prioritária, mas são apanhados pela proposta que campeia e que é da última patente; não possuem uma rede de critérios de escolha; atrelam-se a quem for avantajado na solicitação; pouco contribuem para a sua estabilidade; orientam-se por uma instabilidade a toda a prova; tudo é demasiado efêmero para ser levado a sério e contentam-se em ver passar a procissão sem mais. Não dão estatuto aos rituais e são amorfos na forma de estar com alguma monotonia; vivem dia a dia sem pensar no amanhã que parece cada vez mais sem garantias e nutrem uma filosofia do existir muito curta em ideias e em realizações. A vida mostra que nada tem consistência e é nesta roda que vivem sem esperarem muito do futuro que lhes não pertence e que ninguém pode conferir. A sociedade é muito instável e está nesta característica o seu dinamismo; nem sequer gastam tempo com coisas que não importam. São informes em tudo sem pretensões que ninguém lhes garante; nem pensam que isso seja importante, pois a convivência que criam contrasta com certo amorfismo que decidem para tudo. Participam por vezes em rituais que não influem em nada na sua prática; estão por mero acompanhamento e por retórica de estética social que procuram conservar até um certo ponto; as coisas nada lhes dizem, achando engraçado o acompanhamento pelo ato próprio. Nada abala a referência sem forma que habitam e na cidade podem ir apenas com os outros sem nenhuma dimensão de identificação.

4. A este extremo, vazio de tudo, acrescenta-se um outro grupo, os *in-dagadores* ou “buscadores independentes”¹⁷ que manifestam a sua pertença

¹⁷ Cf. *Ibidem*, 125.

a um certo nível novo de inteligência; são o fruto amadurecido de uma escola que fez o seu curso e plantou socialmente uma geração científica com muitos certificados. Pelo menos mostram o seu desejo de entender o que se faz e procuram um motivo racional para tudo o que empreendem, são mendigos de uma fórmula que possa explicar cabalmente o que se acredita coletivamente; gostariam de encontrar a “fórmula de deus” e não descansam enquanto não for encontrado um estratagema que a resolva. Não se atrelam a nenhum credo confessado, mas experimentam a veracidade de cada um e fornecem-lhe créditos depois do laboratório pessoal. Persistem numa viagem começada há muito e são persistentes por esse mundo tão vasto. Os credos são crivados na peneira que os testifica e continuam exploradores de zonas novas onde deus pode resolver as suas dúvidas. Identificam-se por grande “independência” em tudo o que à religião diz respeito: são movediços nos credos, nos rituais, nos grupos, nas tradições culturais e culturais, norteando-se pelo amor da verdade apenas científica que seja testada na sua teimosia de querer ser simplesmente racional. Andam à procura e prosseguirão indefinidamente e infinitamente a sua pesquisa sendo voadores irrequietos. São volatilmente relativistas e até demasiado relativizantes, mas mendigam sem cessar uma transcendência dificilmente detetável nos meandros que eles definem ao avançar. São muito dados ao sincretismo, investigando segundo as suas posses e investindo-se numa peregrinação infundável ou num nomadismo que não levará a nenhuma pátria. Na sua senda aventureira, ninguém é poupado, inquirindo todos sobre a razão do seu credo visível: são apelidados demasiado intelectuais por desprevenidos mestres de um culto oficial das mais variadas tradições hoje mais vigentes e díspares. Vão em conquista do que ainda não encontraram e são pesquisadores de uma questão que um dia mais tarde se revelará mais de outro hemisfério. Apostaram na inteligência e fazem passeios culturais de persistente indagação.

QUADRO 2
Síntese / Figuras juvenis

- | |
|---------------|
| ✓ Militantes |
| ✓ Flexíveis |
| ✓ Amorfos |
| ✓ Indagadores |

Quatro tipos reencontráveis no âmbito que nos interessa e que configurarão plateias menos reduzidas ao universo dos mais jovens; estão em todos os universos e constituem o fruto maduro de uma civilização que se transformou. Nem tudo passa na nova mentalidade que caracteriza fortemente as gerações atuais, secularizadas, modernas, racionais, flexíveis e sem credos de militância cega. É certo que as configurações identitárias não se compaginam hoje em nenhum quadro social com uma teimosa imposição, ainda mais na cidade onde a racionalização parece mais prevalente; nem podemos confinar esta diretriz com os mais novos, ainda que estes sejam aqueles que menos gostam da imposição. Hoje, a juventude vingou-se em ambiente social de liberdade e de autonomia e requer o tratamento consensual com o lugar de origem. Não admitem argumentos de autoridade em nenhum aspeto e frequentemente solicitam uma argumentação convincente para o que ouvem. Não colhe por isso a admoestação que vinculam sobretudo os mais jovens, dado que a revolução dos cravos (25 de abril de 1974) foi operada há quase 40 anos e surte efeito no campo social das práticas.

Além disso nas cidades semeadas por todos os cantos, as gerações coabitam a braços com as rotinas sociais que individualmente as formam; não são estanques nas suas opções nem guardam segredos em relação ao que as configura; vive-se num anonimato visível, fortemente comunicacional e preñado de aprendizagens. Por osmose, tende-se a propagar as formas práticas de viver a vida e de se situar no universo cada vez mais desmitificado em relação aos clássicos tabús que a Igreja geria com mestria; hoje as coisas passam-se de outra forma e a Igreja sente a crítica permanente do fórum dos atores sociais reunidos para tratar da vida e enfrentar as vicissitudes do destino que aparece sem muitos mistérios. Os cruzamentos urbanos cedo fornecem pistas novas que são assimiladas por gerações mais socialmente permeáveis; longe vai o tempo de dar ouvidos sagrados ao refrão dos progenitores, mas procura-se que evoluam e é então mais sagrado proceder a essa evolução. Importa não estagnar, dando provas de que ainda não se é da geração convalescente.

Declínio de uma hegemonia

Uma nova sociedade está instalada, mais democrática, mais extremista, mais racional e mais emotiva, mais secularizada e mais advertida para pos-

síveis intolerâncias. A Igreja perdeu lentamente a sua voz sagrada e intocável, sobretudo nos comportamentos que preconizava e em função dos quais exercia a sua influência; passou de uma posição profundamente assimétrica no culto e na cultura para uma posição de parceria na esfera da construção da vida social; desceu do pedestal em que estava colocada para o palco raso onde a argumentação está na frente da cena. Nos últimos trinta anos, depois da queda notória do antigo regime, assistiu à redução dos seus efetivos e, apesar de ligeira melhoria hoje, as cidades não experimentam a presença de tanto clero que era a expressão de uma supremacia sobre os fregueses¹⁸.

1. A presença do corpo de intervenção eclesial é muito menos visível no meio social e as cidades, atuladas de povoação, são indigentes em mentores sociais e no dispositivo de anunciar uma forma específica de fazer sociedade. O meio, outrora controlado por esta instituição, explode descontroladamente em pequenas instituições que servem o viver dos passeantes. O dispositivo canónico eclesial é cada vez mais colocado em julgamento e contenta-se com fazer atrasar passos de maior envergadura. As ordenações sacerdotais, longe de entusiasmarem as populações, são “faits divers” nas agendas de comunidades menos urbanizadas; de resto, passam despercebidas da grande parte da população autóctone. Vive-se alheio à sua presença, ela que de todo perdeu centralidade. O corpo disponível dos agentes do culto decresceu sensivelmente para um terço, o que se repercute nas mentalidades e mesmo na linguagem sem travões eclesiásticos.

2. As cidades vão desenvolvendo os seus tentáculos sem a mínima atenção ao património católico, salvo raras exceções que acabam por confirmar a regra; a Igreja pouco tem que dizer em matéria de urbanismo no território lusitano e vai enfranqueando de forma insensível a sua presença. Procura-se responder a quem está dentro da comunidade e não se tem fôlego para respirar o ar que de fora vai chegando, embora se pretenda uma fácil faturação com motivos embandeirados de sinais dos tempos. O clero mais idoso vai reproduzindo modelos da sua ancestral aprendizagem que hoje não fornecem razões para as práticas que se desejam; cola-se um verniz de boa educação nas festas mais solenes e distrai-se o povo com as novidades

¹⁸ Cf. J. COMBLIN, *Os desafios da cidade do século XXI*, São Paulo: Paulus, 2002, 14 e ss.

que surgem de outros horizontes; a grande parcela, para além de dois terços, está fora.

3. A catequese é apenas para alguns meninos, sobretudo em palco urbano, já que no rural, apesar do declínio de códigos normativos, sempre se vai para não fugir muito da regra da comunidade de implantação; os miúdos reclamam a passagem obrigatória por esta socialidade que em nada ou pouco altera comportamentos. Inscreve nervosismo em adolescentes que mais cedo ou mais tarde se libertam desta tutela. Na cidade é um reino mais liberto e mais aberto à pluralidade, sobretudo possui mais socialidades alternativas, ausente que está o discernimento a longo termo. Apesar de um esforço novo de catequese envolvente de toda a família, é residual a iniciativa no panorama geral e mantém-se o ensino dos dados da fé aos infantis que denotam uma ousada libertação da responsabilidade quando os anos vão passando e atingem a idade de pensar por si mesmos e de querer diferente, depois das festas a que foram sujeitos em idade de mais controlo parental. Terminada a idade de criança, a adolescência passa-se entre a aprendizagem dos novos mecanismos de estar na sociedade e uma certa rebelião mais ou menos notória em matéria de religião que apenas diz respeito a idades de avós. Os novos clubes das novidades substituem a experiência de catequese que por vezes deixou marcas negativas. A música, as línguas e o desporto tornam-se campos de grande atração e forjam um outro tipo de cidadãos menos curvados perante um transcendente demasiado incolor. Outro tipo de iniciação. A mentalidade recebida é mais aberta e mais permissiva afeiçoada que está a um regime de mais tolerância. Uma pausa dos adolescentes vai até ao casamento e por vezes muito mais longe até ao primeiro filho; embora a catequese deixasse marcas, só muito mais tarde aparecem no meio de tantas atratividades.

4. O esforço tem sido considerável na apelidada catequese de adultos, mas apenas toca os mais avançados na orgânica da religião, o que torna o produto mais para os mesmos com a sobrecarga que isto comporta e com a consequência não muito prometedora para a organização institucional. Assiste-se a um certo descontrolo do poder religioso e os trunfos sociais são a capacidade de respostas aos problemas das populações bem revelados no campo social concreto e também na capacidade de acolhimento dos desi-

ludidos. Também neste campo a instituição, que fora alta referência, não possui o dispositivo adaptado à situação e cada vez mais se vê relegada para o nível bem subjetivo das opções individuais. Isto não acontece somente nas aldeias, mas desenvolve-se no perímetro mais urbanizado das aglomerações. É muito natural que à medida que avança a ideossincrasia democrática se assista a uma descatholicização das populações, também porque é mais precária a oferta devido ao esvaziamento interno da instituição.

5. Além disso, a cidade não é só a realidade de um tecido geográfico que se vai impondo, mas é justificado por um imaginário prodigioso ligado aos centros metropolitas e às cidades estrangeiras que pululam nas mentalidades. A experiência conta com a forte migração interna que foi apanágio dos últimos anos do século passado e com a aventura que caracterizou a população no período subsequente à segunda guerra mundial e à mobilidade imposta pela crise de 2008 na Europa; a primeira provocou metamorfose nas mentalidades e a segunda esvazia a geração mais apta para o trabalho.

A cidade é menos topográfica e mais virtual, menos geograficamente delimitada e mais tecnologicamente apetecida. A tecnologia fez suplantar o esquema geográfico que a caracterizava desde sobretudo a revolução industrial (reduzida à fábrica e ao habitáculo do casal)¹⁹, e fez dela um não-lugar que fascina mais e sobretudo dá mais trunfos sociais e pistas oníricas que outrora; as cidades mais cosmopolitas povoam o imaginário das gentes e criam um outro império que já não se molda pela textura, mas cria pela atração e pelo sonho, num país que enfrenta mínguas e carências. “A Europa está reduzida às dimensões de uma cidade”²⁰ não só por este aspeto que acabamos de considerar, mas também porque o plano dos transportes desenvolveu-se grandemente, criando a vizinhança da cidade com tudo o que lhe assiste, “como trama (maillage) de vias de comunicação”²¹. A qualquer hora a cidade flutua nos horizontes, está próxima de cada um e está presente nas suas opções mais primárias.

¹⁹ Cf. a descrição de Paul BLANQUART, *Une histoire de la ville*. Paris: La Découverte, 1997, 126-127.

²⁰ *Ibidem*, 157.

²¹ *Ibidem*, 153.

6. A cidade não se importa hoje com seu *centro*, mas pretende responder às necessidades lúdicas e económicas dos seus vizinhos que a frequentam para tudo: vestir, calçar, comer e beber, distrair e cultivar-se passa pela cidade, próxima mesmo a quilómetros. A planificação sucumbiu como mercado de serviços, e o centro abalou-se; “o que ela coloca em valor não é da ordem do religioso ou político: é a intensidade dos fluxos de qualquer espécie”, por certo num circuito retiforme que responda o melhor que pode às ânsias de hoje. Os monumentos religiosos sucumbem ao cimento que se impõe e os espaços verdes e as comunicações suplantaram as necessidades. Tudo gira de forma mais reticular que circular²², perdeu-se o simbolismo social e individual do centro ou o projeto aureolar. O próprio espaço entrou em decomposição com sua vertente sempre retilínea, para a frente donde emanam as propostas; escamoteia-se a localidade, aparecendo sempre para a frente. As pausas nas cidades são mais breves e vislumbra-se sempre para a frente o caminho.

7. O transporte omnipresente substituiu a habitação; o automóvel é o sinal de uma civilização predominantemente movediça, em movimento permanente²³, ciosa de estar em todo o lugar e de ter acesso a todas as coisas; o apartamento é cada vez mais reduzido e o sinal de movimento tende constantemente a multiplicar-se até ao ponto de emergir nas condições de grande riqueza; os mais jovens apostam também na deslocação como forma de dizerem a sua especificidade, sendo o *skate* uma realidade que identifica uma franja da população; a vida requer-se rápida e suscetível de imperioso movimento. Está longe uma civilização do jogo com inscrição térrea e a recente tem marcas de velocidade: as praças das cidades assistem diariamente ao frenesim da deslocação e a sua qualidade é medida por critérios que correspondem a maior capacidade de resposta. O movimento está permanentemente riscado/desenhado nas suas praças.

Sempre que se manifesta o desejo de estar vinculado ao religioso, o transporte é deveras insubstituível: desloca-se a uma igreja de automóvel e

²² Cf *Ibidem*, 154.

²³ Cf. A. CHARRON, «L'Oratoire Saint-Joseph, espace et fonction de l'Église»..., in Jean-Guy NADEAU – Marc PELCHAT (dir.), *Dieu en Ville*, Montréal: Novalis, Paris: Cerf, Bruxelles: Lumen Vitae, Lausanne: Labor et Fides, 1998, 203 – afirma que hoje o cidadão urbano vive numa espécie de “universo reventado”, em situação de “neo-nomadismo”, deslocando-se para tudo, não mais fixo nem na estabilidade nem na homogeneidade.

requerem-se as condições adequadas para o seu uso. A cidade permite circular com destreza e facilita a escolha que se impõe com o desenvolvimento do movimento incessante. Neste sector a cidade facilitou o pluralismo que o transporte ajuda. As identidades entram em metamorfose; a dominante pertence ao movimento que se impõe e pouco a locais centrais que plas-mavam identidades; estas são menos fixas e muito mais movediças, sendo que o próprio simbolismo do centro mudou de figura: tomam-no lugares que exigem alguma deslocação, o que confirma a dimensão errante do ho-mem contemporâneo. Os lugares afastados ganharam clientela, a religião despediu-se de algum imobilismo, o que pode facilitar a tarefa pastoral.

8. Por outro lado, a cidade é o lugar de muitas visões, de um leque abundante de várias alternativas; não é notório o fenómeno da uniformiza-ção, mas a auscultação de variadas tendências abre tranquilamente o fenó-meno do pluralismo: as formas de vida são concretamente plurais, o que instiga insensivelmente o pluralismo. A religião católica encontra frequente-mente parceiros que se situam na mesma função social, o que comporta uma dose de qualidade maior no desejo de ser preferida. O pluralismo de-senvolve a concorrência e provoca no religioso uma espécie de banca de mercado sujeito ao marketing e a amplas estratégias de publicidade; a reli-gião católica não tem apresentado sempre uma marca de fascínio e por vezes tem atrozes fenómenos de desgaste. O facto de este pluralismo ser incipiente deve fazer repensar as formas novas de apresentar a solução possível.

O crescimento de outros movimentos que se reclamam com as mesmas finalidades, desde a década de oitenta no século XX, os novos movimentos religiosos, não são uma margem no país fundamentalmente católico, mas sobretudo constituem a prova de que o meio social mudou de hegemonia e reflete uma fragmentação ligeira, mas real, no que diz respeito à identidade coletiva, apesar da própria alteração deste conceito base²⁴. O pluralismo tende socialmente à banalização recíproca, como o afirmou Max Weber. De facto, a proposta católica é comparada e apreciada, o que acarreta alguma poeira, mas sobretudo coloca os atores em posição mais assimétrica no labor do campo social. Existem minorias que, apesar de pouca relevância, enfra-quecem no quotidiano as propostas menos racionalizáveis. A prova da qua-

²⁴ Cf. «Identité», *Questions de notre Temps*, hors-série, septembre, 2001, 46-49.

lidade é exigida. Assiste-se à “irrupção de uma religiosidade eclética e difusa (...), fenómeno religioso estranho, que emerge do mundo secularizado”²⁵.

Recomposições atuais

Neste ambiente, apontaremos alguns tipos reais, detetáveis facilmente em observação atenta nas diferentes cidades e gentes do nosso país, gentes que desenham uma trajetória com tradição diferenciada e que tentam inserir-se no panorama dos crentes de hoje, de forma fragmentária, mas sempre de forma sensata. Trazem para si mesmos razões que não são obrigados a exteriorizar. Evitaremos tipologias mais testadas nos clássicos da Sociologia da Religião, propondo um conjunto de tipos de recomposições na sociedade de hoje. Cada uma tem uma predominância e diversos traços identificativos. Preferimos um registo qualitativo a procedimentos quantitativos, que no presente estudo não se justificam muito, dada a efervescência dos fenómenos. Esta metodologia permite mais uma postura heurística em relação à realidade e deixa liberdade aos fenómenos que se amontoam.

1. *Os enraizados* é um primeiro grupo, ainda com muita perceptibilidade entre os que visitam as igrejas. São sobretudo de uma geração depois das seis décadas de vida, mas encontram-se também entre os mais jovens. Nunca colocaram questões à sua religião, mas vivem-na como algo de muito natural. Aprenderam assim e fazem assim sem mais interrogações. Possuem raízes que não desenvolvem a discussão porque nunca foram postos nesta circunstância, sendo que pensam que as coisas do além nunca se discutem. Fazem assim porque sempre viram assim e é o que é dito pelos mentores da igreja que frequentam; é uma espécie de pão para a boca que nunca discutiram. “As coisas de Deus não se discutem” e fazem bem para si ao comportarem-se sem mais questões. Bens inabaláveis na sua tradição que lhes vem dos pais e dos avós, nunca colocaram em causa o que era dito como nunca hesitaram diante do alimento que os pais lhes entregavam. Fazem isto há muitos anos e nunca disto duvidaram.

²⁵ A. BRIGHENTI, *A Igreja do futuro e o futuro da Igreja*, São Paulo: Paulus, 2001, 25. Podem conferir-se as suas referências à *New Age*, 25-27.

Frequentam o culto sempre que podem, mesmo todos os dias e rezam as orações que aprenderam a decorar na infância. São predominantemente devotos alheios à discussão e gostam de executar como lhes foi ensinado; não gostam das inovações ou das mudanças; no culto rezam muitas vezes as orações da sua devoção e ficam satisfeitos sempre que cumprem os deveres. Nas cidades vão de igreja em igreja, como podem, e aprazem-se em cumprir minuciosamente o que sabem estar estabelecido; acreditam que com Deus não se brinca e são fiéis executores das normas estipuladas pela autoridade sem abrirem metodicamente o espaço a dúvidas que se revelam atrevidas. Frequentam os mesmos cultos e gostam dos mesmos lugares nas assembleias que visitam. Procuram o alimento que os fortifica e serenamente acham que a vida os gratifica; sempre que lhes espreita alguma contrariedade, ligam-se aos santos que compõem o seu universo crente e são bastante “prometedores”. A religião é uma garantia e dá sensatez à sua lide diária, sem confusões nem discussões. Alguns de entre eles revelam uma certa beatice, mas sobretudo são inabaláveis em tudo o que vivem.

2. *Os aparentes ou “cristãos de nome”*. Este outro tipo vai muito naquilo que hoje é costume chamar-se de “não praticante”. A esfera do culto habitual não lhes diz respeito, mas apenas foram batizados, o que lhes confere a dignidade de serem, sem disso se interessarem muito, cristãos de nome. Daí o nome que lhes atribuímos, não que seja fingido de forma consciente, mas apenas por inadvertência; “ser católico” é ter uma prótese. Para estes, vive-se no mundo aparente do cristianismo professado; são cristãos apenas no nome que lhes foi entregue no banho lustral do batismo, mas nunca se preocuparam com isso senão em ocasiões fortuitas e muito esporádicas. O nome, guardam-no porque lhes parece que é indelével (como prótese endógena): era assim no tempo em que ouviram alguma coisa. Quando são questionados, a resposta evoca uma aparente contradição dizendo que são “cristãos não praticantes”. Não ganhou raiz o rito que lhes ministraram, mas ficaram cristãos apenas porque fizeram “as comunhões”, como dizem; foram marcados por um projeto, mas ficaram apenas com o seu nome. O projeto não os identificou nem fez qualquer marca na sua conduta, pois são “gente de bem” que nunca gasta das rotinas que lhes foram transmitidas.

Quanto à predominância, têm de cristãos apenas a alcunha, como uma coisa a que os votaram no início da vida; não foi por sua conta, mas herda-

ram da família o sobrenome que vão mantendo no horizonte social. Havendo exceções, normalmente não frequentam o culto a não ser para agradecer a alguém e por causa da sociabilidade que isso justifica. Parecem como os outros, mas não são. Aparecem como “cristãos aparentes”, sendo que a sua configuração é irreal e a sua trajetória muito frequente e visível. Uma grande parte dos que se recenseiam como cristãos são-no aparentemente, o que explica o ambiente social difuso.

3. *Os desiludidos* são um tipo muito frequente entre os que mais se reclamam de cristãos, na hora de se desmentirem pertenças. São cristãos que embandeiraram a sua identidade, mas com histórias de acidentes menos benéficos em relação a agentes de culto ou porque foram marcados em relação à vizinhança ou porque foram marcados por circunstâncias menos abonatórias ou mesmo porque caíram em alguma antipatia. Ficaram desiludidos na identidade que ainda configuram, mas com algumas marcas de cruzamentos menos felizes. Muitos sofreram acidente no culto e foram atingidos no seu foro mais secreto, outros são vítimas de olhares morais menos ortodoxos ou de certos apontamentos circunstanciais que caíram mal. (A religião católica em tempos áureos fora demasiado voltada a um moralismo doentio que enfermou relações).

Andam peregrinos em busca de um agente do culto que satisfaça; são cristãos marcados, de prática habitual, mas que escolhem as suas assembleias não desejando encontrar similares de desilusão nem fatores de algum pessimismo. De igreja em igreja procuram alguém que responda às suas ânsias e normalmente do nomadismo passam a situação sedentária quando afetivamente comungam com um agente que mantém uma atitude distante ou que investe fortemente na relação libertadora. Não abusam na prática ritual, mas procuram cumprir o que lhes é ditado pela consciência, sendo o agente do acidente responsabilizado por uma prática intermitente; não se atribuem responsabilidade na história que os faz católicos hoje. Não possuem nada contra Deus que nunca viram, mas não se comprometem em nada para não voltarem à desilusão. São cristãos intermitentes, isto é, poisam onde encontram um oásis benéfico até nova peripécia de desilusão: é esta a sua dominante. Nas cidades há muitos nómadas que procuram um novo porto ou alguns vagabundos que dificilmente encontram o que idealizaram.

4. Os *horizontalistas*, muito humanistas que se nivelam por um homem com mais dignidade. A sua religião até pode ser cristã, o que pouco referem porque foram apanhados nas malhas dos direitos humanos que para tudo servem, quer para justificarem as suas reais opções filantrópicas, quer para fugirem aos habituais comportamentos que narrariam a sua identidade muito conhecida. Preferem colocar-se do lado das causas sociais e justificam assim a sua incúria quer cultural, quer mesmo de moral social. São campeões da luta pelas condições básicas dos humanos, sendo estas a sua habitual dominante. Não gastam muito as igrejas nem se vêem frequentemente entre os cristãos. Praticam uma religião social, talvez com transcendências profanas, e não precisam de templos, pois ladeiam permanentemente o templo do humano.

Não gastam por hábito muito as ações culturais a não ser por necessidades de cortesia social, pois adoram o humano ao lado do homem. Acampanham e são críticos em relação a certas devoções; pontifica neles o culto do homem, pelo qual lutam, embandeiram as suas causas e os seus direitos mais radicais; criticam o tempo gasto em desperdícios e comprometem-se apenas com questões muito visivelmente humanas. São humanistas com transcendências terrenas e acampam sempre ao lado dos seus vizinhos, podendo mesmo estar disponíveis para a luta e sobretudo para a manifestação. São atentos observadores do drama humano, mas não esperam mais nada do que o que as suas mãos podem fazer. Vivem fechados no hemisfério do sensível e daquilo que podem ver.

5. Os *sazonais* são um tipo de intermitentes que muito compõem hoje a sociedade e que na cidade ainda é mais simples ser, pois não estão tão sujeitos a uma espécie de controlo social mais vigente nas aldeias, ainda que hoje demasiado enfraquecido. Foram à Igreja no início, foram talvez no momento da inserção plena na vida social (o momento do casamento), pensam que serão levados no fim e passam por lá algumas vezes no decurso do ano. Consideram-se cristãos para tudo e gostam que tudo lhes seja atribuído como tal, mas têm pouco tempo para o culto. Vão sempre e somente quando as circunstâncias sociais o aconselham e consideram-se dentro dos requisitos exigidos. A sua intermitência é regulada.

Não discutem as implicações da doutrina, pois já a esqueceram nem hoje estão disponíveis para uma tal tarefa; são normalmente bem formados

e não discutem a não ser aquilo em que a Igreja deveria mudar, de acordo com o que ouvem dizer. A sua dominante é a da azáfama da vida e procuram exercitar-se no essencial que lhes pode servir. A religião também só entra nesta componente, enquanto serve para algo, como ocasião de mais convivência ou motivo de ascensão social ou comunitária. A religião tem uma função utilitária.

6. Os *ávidos* (artistas e apaixonados de história) gostam dos monumentos e ficam arrebatados ao olharem a beleza dos sítios. São sábios cultores da arte. Não se deixam impressionar por discursos religiosos medíocres que habitualmente evitam, mas são fascinados por tudo o que é belo. São um tipo de admiradores das formas do religioso e são muito críticos em relação à evolução. Gostariam de conservar em museu mesmo alguns cultos, só porque são belos.

Visitam os cultos como se fossem turistas e admiram as organizações rituais preñes de estética: mendigam belezas ignoradas e apreciam as assembleias apenas pela vertente bela da sua orquestração. É esta a sua dominante. Normalmente não são de confissão religiosa inalterável, contentando-se com os calções eventuais de uma comunhão no catolicismo em tempos de homogeneidade e de uniformização social da qual não são hoje dependentes.

7. Os *indiferentes* são um tipo de figura que é da moda no panorama social; não dizem que sim, mas também não dizem que não; encaixam em todas as categorias dos fiéis duma religião e não se enquadram em nenhuma quando lhes convém. Nada lhes interessa que possa ter relevância exceutuando o justo “carpe diem” diário; o assunto de religião não interessa muito, mas também não desagrada ou aborrece. Vivem a fazer acenos de cabeça ou sem eles e interessam-se por “coisinhas bem maiores”, que podem trazer sustento e podem trazer um pouco de alegria. As questões de religião não interessam muito e gastam a vida com outros assuntos de maior interesse; vivem numa cidade onde todos procuram a melhor forma de viver e não experimentam a necessidade de religião também porque está na moda pensar assim. São profundamente epicuristas, como dominante, dedicando-se apenas à fugacidade e precariedade da existência que lhes foi concedida.

Possuem as suas rotinas, mas não se incomodam com coisas no interior dos templos; vivem na moda de ser indiferentes e parecem satisfeitos com uma composição similar da vida; os horizontes que revelam depressa são al-

cançáveis e as causas que enfrentam arrastam-se ao longo de uma vida demasiado incipiente e incolor. Caracteriza-os o facto de não se baterem por nenhuma causa específica e de serem uma figura sem cor no campo social; vão vivendo sem cor nem sabor. São passivos.

8. Os *mistos* são outro tipo muito frequente. Descobriram a interioridade em formas de vida de índole oriental e agrada-lhes o silêncio e a recatez que prolongam grandes meditações. Vivem exoticamente embrenhados na contemplação de algo ligado ao pensamento, à natureza, ao cosmos. Habitaram-se e extasiaram-se com as grandes extensões das areias nos desertos. Qualquer múrmúrio de água ou brisa leve são suficientes para conceder um instante de paz; procuram multiplicar momentos de arrebatamento.

Ao mesmo tempo, frequentam os templos católicos, sobretudo quando vazios, procurando instantes de pacificação; não regateiam as assembleias e nelas ocupam o espírito com impressões espirituais fugindo ao barulho de muitos. Preferem comunidades modestas sem grande confusão e são desejosas de ambientes ternos de silêncio e de profunda interioridade. Frequentam, mas compõem com o que gostam, evitando o que possa tirar a serenidade; são peregrinos de uma pátria que a Igreja não fornece em plenitude; são católicos à procura de uma cidade diferente onde reine a paz, a concórdia, o silêncio.

As recomposições advertem sobretudo para a pluralidade de comportamentos. É possível que não se encontrem em estado puro, mas misturados e presentes particularmente nas faixas intermédias dos tipos que se sintetizam nos quadros seguintes, apresentando as suas variáveis presentes de forma resumida. Na cidade de hoje, as recomposições são sobretudo utilitárias porquanto trazem à vida quotidiana a sensatez que cada um mendiga.

QUADRO 3
Recomposições

	I. ENRAIZADOS		II. APARENTES
Idade	adulta	Idade	todas
Espaço	igreja	Espaço	alheio/igreja
Tempo	cumpridor	Tempo	esporádico
Mediação	devoção	Mediação	“comunhões”
Dominante	segurança	Dominante	só de nome
	III. DESILUDIDOS		IV. HORIZONTALISTAS
Idade	adulta	Idade	jovem/adulto
Espaço	frequente	Espaço	mundo
Tempo	peregrino do culto	Tempo	templo humano/homem
Mediação	intermitência	Mediação	dignidade humana
Dominante	desilusão	Dominante	crítica
	V. SAZONAIS		VI. ÁVIDOS
Idade	todas	Idade	jovem/adulto
Espaço	regulado	Espaço	turista
Tempo	tríade cultural	Tempo	culto museológico
Mediação	sociabilidade rica	Mediação	arte
Dominante	indiferença doutrinal	Dominante	incúria formativa
	VII. INDIFERENTES		VIII. MISTOS
Idade	todas	Idade	adulta
Espaço	a-religioso	Espaço	silêncio
Tempo	epicurista	Tempo	frequente
Mediação	moda	Mediação	meditação/Oriente
Dominante	“carpe diem”	Dominante	eclisiofobia

Pastoral eclesial urbana

1. O impulso à missão de Timóteo num ambiente de hostilidade mordaz leva o apóstolo Paulo, na sua segunda carta a seu discípulo, a uma primeira via para um trabalho maduro no que diz respeito aos ambientes das cidades. Não importa gastar o seu tempo com discussões que não levam a lado nenhum, nem é fundamental fazer um laboratório social onde corram as razões de uns e de outros. No tempo, a colaboração com o apóstolo tinha sido em relação a algumas cidades gregas, Atenas e Corinto, e mesmo

tinha sido portador da coleta para Jerusalém (Act 20, 4), mas o ministério que lhe é pedido não passa por andar numa azáfama desmedida nem por sufocar diante da premência de difíceis situações em que se encontrava a boa nova; pelo contrário, Timóteo é convidado a uma atitude basilar, que para os tempos de hoje se reveste de particular importância: “procura a justiça, a fé, o amor, e a paz” (2Tim 2, 22), o que equivale a dizer “procura a fé”, como o sintetiza Bento XVI (PF, 15). Importam menos as coisas exteriores que os outros opositores também podem anunciar, mas convém mais que se detenha no essencial.

Como no início, estamos perante o mais primordial na obra pastoral no interior das cidades; também os outros evidenciarão sondagens de opinião, também se apresentarão as sucessivas razões num processo de hegemônias, mas o primordial é que resta a fé em nome de Cristo ressuscitado.

“Procurar a fé” tem a ver com o que é o fundamental na empreitada de dar um novo fôlego à cidade; importa estar em sintonia com as sondagens do tempo e ter em conta as ideias dos circunstantes, o que é importante para sentir em que direção vai o barco. Se não se vive no âmbito da fé, dificilmente se poderá oferecer à cidade esta lógica nova; importa ser bom sociólogo, analisando tendências bem notórias, mas importa também ser teólogo, estar imbuído interiormente da realidade que faz transparecer todas as coisas, que faz retomar tudo com uma outra dimensão. Quem procura vai no encalço de alguma coisa que vislumbra em fim de caminhada. Eis uma primeira dimensão de uma intervenção serena na cidade dos homens, sem acumulação de stresse, sem suspeitas infundadas, mas na serena paz de uma missão a efetuar. Decidir-se pelo alicerce da missão e saber-se nunca sozinho na tarefa que se impõe de partilhar o que se tem; não desambiar para outras realidades talvez com mais atratividade social e cultivar a atitude de quem procura, ao encontro do que todos procurarão e poderão encontrar se lhes for proposto numa comunicação sem ruídos provocados pelo tempo que corre. A procura constante da fé está nos fundamentos de uma missão que se deseja sem preconceitos e que se acredita benéfica.

Esta atitude fundacional implica uma docilidade misteriosa diante da surpresa que vem de outro lado, movendo os corações numa desconcertante inquietude; a procura tem um corolário de surpresa real sempre que se faz de forma benevolente e sincera; não se possuem outros negócios nem se esperam prosélitos bem conquistados, mas apenas se facilita o que foi jul-

gado bom para a empresa pessoal em que se lançou. Move o missionário o estrito interesse da felicidade procurada por todos; o resto é do restrito hemisfério do dom e pode surgir como a semente lançada que a seu tempo ou mesmo como surpresa brota no campo do mundo; é necessário confiar na graça (cf Act 14, 26), pois também hoje, nas cidades concretas onde os missionários falam, há quem escute atentamente e seja permeável ao contacto do invisível, “abrindo o coração” (Act 16, 14) como aconteceu com Lídia no início da aventura cristã (PF 10). Procurar a fé implica também que se esteja disponível para a surpresa insuspeita. Aprende com os arautos dos primeiros séculos em Filipos, cidade da Macedónia, com um itinerário simples de Lídia, que escuta procurando e que encontra na surpresa, desejando depois prosseguir na aventura do batismo cristão (cf Act 16, 15) e abrindo a sua gente próxima ao mesmo projeto, no convite explícito aos missionários para ficar em sua casa. A proposta tem uma face oculta, perfeitamente misteriosa, que convém não desprezar na cidade onde hoje tanta gente anda à procura.

Assim, parece que urje com paciência experimentar um itinerário que conjugue atitudes e posicionamentos próprios de Timóteo e Lídia, aliando a procura incessante da fé ao assombro daquilo que surge imprevisto, desde que alguém possa falar. Isto requer que a fé liberte a sua própria energia, como dom dinâmico.

2. A proposta faz-se gratuitamente e procurando sem preocupações doentias. Necessita-se de arautos que comuniquem uma boa notícia que fará caminho por ela. Não necessitará de muletas adequadas a não ser a da sua força natural, de quem entrega uma novidade com interesse para todos; a cidade necessita de nova evangelização, no pensamento de João Paulo II expresso em 1983, no Haiti. O Papa, refletindo sobre as transformações profundas que assolavam o mundo, preocupava-se com a distância entre as linguagens e com o pouco entusiasmo dos cristãos numa cidade mais anónima, sozinha, violenta e cercada de produtos tóxicos.

Precisa a cidade de um anúncio de encanto duma feliz notícia, sem se vergar aos vícios que a degradam. A sua comunicação (desta notícia) tem os trunfos de uma novidade que deu efeito em arautos. Trata-se de anunciar uma notícia que terá efeito em todos, sem que para isso seja imperioso que todos a sigam uniformemente; a notícia é recebida segundo as circunstân-

cias e de acordo com os barulhos da praça que atualmente são enormes. Precisa-se de apregoar no meio do barulho, enfrentando o reboliço da cidade e de ser transparente em relação à felicidade que se anuncia: é ineficaz um anúncio que não se estampe nos sinais analógicos de quem anuncia. O anúncio é uma proposta para quem quiser procurar mais, mas atrela sempre a qualidade do anunciante²⁶.

Arautos precisam-se que não se deixem arrastar pelas mudanças funestas, mas nelas participem como atores que promovem maior clarividência. Não sejam meros repetidores da boa nova, mas estejam na vida com a certeza de um percurso feliz. Façam do panorama do mundo a seu próprio palco e digam a todos que o tempo é de intervenção criadora; cultivem a linguagem para não criar cacofonias, mas sejam delicados anunciadores com palavras inteligíveis para a cena social do mundo que vão construindo; não se atemorizem com a diminuição dos seus pares, mas ganhem em credibilidade pela via da prática e moldem o tecido urbano em que ensaiam suas cenas. A atual missão precisa de mentores destemidos que de lés a lés apregoem uma forma nova de vida que pode ser experimentada. Não esperam por facilidades traiçoeiras, mas não se incomodam com a boatice dos circunstantes; dizem a boa nova, como quem lança a semente, sabendo que ela deitará raízes muito mais tarde ou até será desprezada no turbilhão dos barulhos que invadem a sua cidade: uma tarefa kerigmática à maneira de Pedro, de pé, sem temeridade, focando-se no essencial, notícia de um acontecimento que muda as coisas e do qual foi constituído testemunha (Act 2, 14-41).

Não convém um discurso demasiado teórico, mas um testemunho narrativo de um acontecimento que mudou as vidas dos que se entregam sem fantasias. A proposta é kerigmática²⁷, solene, interventiva e visualiza-se na experiência dinâmica dos arautos: Jesus Cristo, morto e resuscitado, salvador universal (Act 4, 12), explosão de vida que assombra e provoca espanto (Act 4, 13). Esta mensagem original precisa-se. Este regresso ao modelo kerigmático de anúncio impõe-se em tecido urbano, cruzado por interesses em todos os sentidos. Regressar ao início é também receber a fres-

²⁶ Sobre o assunto, cf. o ponto IV do sermão da Sexagésima do padre ANTÓNIO VIEIRA, *Sermões e Cartas*, Braga: Cruz, 1965, 27-33. A quem passa importa “ouvir” e “ver” segundo o pregador.

²⁷ Cf. G. RAVASI, *In Principio. Bibbia e comunicazione*, Milão: S. Paolo, 1995, 20 – afirma-se que “o falar é fundamental para o anúncio cristão: de facto, tudo se resume no *kerigma*, no anúncio por excelência”. Todo o texto (7-64) tem interesse para este caminho pastoral na cidade.

cura de uma mensagem de sempre. Num tom solene e destemido propõe-se uma mudança de estilo que altera vivências individuais e pode levar a umas atitudes cada vez mais heurísticas. A modernidade altamente subjetiva encontra-se consigo, no encontro de Jesus de Nazaré.

3. Em tecido urbano, a Igreja será sempre “Igreja de ocasião”²⁸. Servirá muito quem está de passagem e estabelece um circuito de comunicação com quem está atento à novidade daquilo que escuta; não pode esperar compromissos de muito longa duração, mas servir de forma despreziosa quem vai passando; nem se aflige com as consequências do que anuncia; a Igreja na cidade implanta-se ao serviço do homem que dá um passeio e que por acaso é interpelado na sua digressão, como aconteceu no início segundo o relato do diácono Filipe (Act 8, 26 e ss). Aquele que viaja estará atento a quem questiona e fica a pensar na diferença que por acaso mora no seu bairro. Trata-se de “uma Igreja nas ruas”²⁹. Nas cidades de hoje, os passeios também se prestam a interrogações.

Estando verdadeiramente ao serviço de todas as surpresas de quem passa nas ruas, há que percorrer uma senda sem pretensões, no pensar de A. Fossion³⁰:

— *Manter a memória da tradição cristã* para uma razoável evangelização pertinente e atual, cientes de que a herança cristã está sempre no coração das possíveis novas identidades. Convém não considerar o que a tradição fez apenas no passado, mas ser capaz de ler hoje o legado das gerações e dele inferir as lições.

— *Isto implica a capacidade de organizar e animar o debate no presente*, sem sucumbir ao peso de que não é como outrora, mas comporta o diálogo sempre vivo de quem nasce aos requisitos da fé.

²⁸ A expressão é de Michael Nuchtern, pensando na Igreja na Suíça, citado em: Huns STRUB, «Nouvelles pratiques pastorales dans la ville en Suisse alémanique», in Jean-Guy NADEAU-Marc PELCHAT (dir.), *Dieu en Ville*, Montréal : Novalis, Paris: Cerf, Bruxelles: Lumen Vitae, Lausanne: Labor et Fides, 1998, 234.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ Cf. A. FOSSION, «Quelle annonce d'Évangile pour notre temps?», in F. BACQ-C. THEOBALD (dir.), *Une nouvelle chance pour L'évangile*, Bruxelles: Lumen Vitae, Montréal : Novalis 2004, 79-81.

— *Impõe-se a promoção da liberdade e da criatividade*, o que conjuga com a capacidade de negar a fé não a recebendo e até sendo inóspito na forma de não aderir aos passos do itinerário visto nos moldes crentes. Talvez seja preciso passar por não ter certezas para ser capaz de se abrir a algumas. Isto não se consegue senão num registo de grande solidariedade ativa, na ação como na reflexão, com os pobres e com os que sofrem, partilhando as alegrias e as esperanças e as dores e tristezas do mundo vivo dos homens. É nesta terra dos homens que se semeia o Evangelho.

Para um trabalho de começo, de início ou de reinício da fé entre muitos será necessário derrotar certas representações envelhecidas ou velhas e fazer respirar representações rejuvenescidas do património comum secular.

— *Uma criação continuada*, tendo presente a narrativa sempre atual de um Deus que ainda hoje é criador nas grandes esperanças da humanidade. Não se trata tanto de afirmar “que Deus criou o mundo”, sendo remetidos para as teorias da evolução das espécies ou para o mais famoso big bang explicativo do volver científico que nunca mais acaba na ciência. Pretende-se mais fazer ressaltar o dedo criador no volver genuíno no mundo continuado da criação. “Que Deus tenha feito do nada” transforma-se no transformar das situações que a história recente se encarrega de veicular. A criação surge como narrada nas vicissitudes da história que hoje conhecemos. “Eis que faço novas todas as coisas”, como referem os textos da tradição cristã nos primeiros tempos da gesta criadora (cf Apoc 21, 15). A causa da nossa liberdade é primeira. Cada um experimenta em si uma trajetória de forte arremesso, não como dada de bandeja, mas no palco onde ele é ator, na cena onde a sua vida está em prova efetiva, no pátio real onde a vida brota com os demais. Cada um não é ator de segunda importância, mas primeiro ator de um drama imenso que lhe outorga possibilidades de ser reconhecido. Nesta encenação não se olhará sobretudo para o interdito, mas mais para a dádiva persistente de um jardim cheio de suculentas árvores dadoras de frutos revigorantes. Postula-se a abundância da dádiva e enfraquece-se a negatividade daquilo que se descobrirá sob a cobertura de um mandamento contra a opção. A formulação do proibido aparecerá como alerta para a liberdade, como sentinela que ajuda a balizar uma caminhada de progresso. Caminha-se nas possibilidades de um dom inicial ou de uma permissão na esteira sensata de muita responsabilidade. De descoberta em descoberta,

virá o tempo de descobrir que há também a possibilidade de frutos venenosos. O interdito não é primeiro, mas é primeira a oferta de todo o jardim como possibilidade de exercer sabiamente a liberdade como dom gratuito.

— *Está em jogo a dignidade na esteira da responsabilidade comum*, vislumbrando-se no topo extremo duma estafeta para a qual eu e os outros contribuimos de forma responsorial. O alcance em fim de percurso deve-se à justa capacidade de gerar mutualidades. A dignidade humana não é uma prenda que se conquista numa maratona individual, mas o resultado de uma estafeta comum onde tudo depende de todos. Porém, em cada ser humano está em crescimento “a glória de Deus”, para a qual se caminha em corpo de humanidade. A capacidade está inscrita. O trabalho é um imenso estaleiro sempre aberto que cada um prepara com todos, nesta estafeta com os parceiros. A dignidade não se rouba, mas conquista-se na solidariedade com todos.

— *Jesus preside a tudo como “servo sofredor”*, que devolve a Sua cruz gloriosa a quem labuta de sol a sol. Não se trata apenas de um exemplo a rever na caminhada, mas apresenta a cruz a cada discípulo sempre que tudo não corre como queria. Trata-se mais de uma energia que não deita fora o que poderia parecer sem força e sem sentido. Por vezes, as desilusões parecem inertes e a vida dá sinais de ligeiro recuo. É na fragilidade que se revela o poder benfeitor de uma entrega pelo que é empresa coletiva. A vida não acaba no infortúnio; é ali o lugar de uma rendição dos fortes e da vitória dos fracos e humildes que acreditam na mais valia de um trabalho comum. É ali o lugar escondido de uma outra revelação, a da vida dos mais fracos que ainda não baixaram os braços e que tudo entregam a quem continua a vida mais ampla do universo. Na fraqueza se descobre a força, pois quem vive está na gestação concreta de um vasto universo que não escapa quando tudo parece ruir. O poder está na cruz entregue para a dignidade do universo, doando a energia renovada duma vontade que quer ainda e só que a vida seja para quantos com ela possam contribuir para a grandeza do universo. Na radical pobreza de tudo, é então que sou forte na entrega. Não desisto até ao fim.

— Reencontro então um movimento que faz pensar. *É na Trindade* que me ultrapasso sempre que estou. Entrego, no exercício que me faz ser algo.

É sempre num movimento triangular de doação: o eu entrega a alguém para o brotar de outrem. Este movimento está no começo de tudo, sempre disponível para que o outro seja sem desmazelos. A trindade nem é um movimento postulado, mas apenas a origem de qualquer forma de estar. A trindade está no começo e sempre implicada em cada relação dos que gravitam no mundo, em regime de mútua reciprocidade. A pastoral, como movimento para mais, tem de lubrificar-se no movimento incessante da trindade, dando origem a relações de reconhecimento sem travões e no pressuposto que é esta a via eficiente de cada ação planeada. Importam pouco os planos desligados da alma que os sustenta. O objetivo da ação não tem que desfocar-se do que lhe é essencial. Pensar na mútua relação existente no Deus trino, pode ser um bom procedimento para a ação pastoral³¹ com alguma perenidade. O resto é acessório de cor e até de alguma confusão.

Uma pastoral com algum vislumbre de novidade não tapa com acessórios desgastes de clientela, mas vai ao começo de tudo, onde a Trindade serve de patente na confirmação do nosso ser para e com os outros que são do mesmo universo, esta nave pilotada por um destino sensato sempre a desenhar.

Conclusão

O leque de pistas pastorais está resumido no quadro seguinte.

QUADRO 4
Pastoral da fé

✓ Pensar a fé” (Timóteo/Lígia)
✓ Kerigma narrativo (Pedro)
✓ Igreja nas ruas (Filipe):
• Memória da tradição
• Debate presente
• Promoção da liberdade
• Criação continuada
• Dignidade da resposta
• Presidência da cruz
• Refundação trinitária

³¹ Pode conferir-se o pensamento de A. FOSSION, «Quelle annonce», 82-86 – está na base da reflexão que aqui se coloca.

Vive-se numa época de extrema diversidade; as vozes são múltiplas e as mensagens demasiado díspares. Na Igreja Católica os fiéis ocupam lugares muito diversificados, compondo de modo diferente os muitos aspetos que lhes ensinaram; receberam em partituras muito dissemelhantes a música que pretenderam transmitir-lhes e criaram mesmo melodias novas que escutaram levemente em outros contextos. Tudo canta de outro modo, pretendendo aceder ao bem estar que de todos os lados se reclama.

A Igreja não se encontra ileso ou separada do turbilhão da história, mas é parceira da humanidade e sente com ela as alegrias e as tristezas que são as da humanidade (cf GS 1); não se encontra mais no pedestal que a distancia, mas partilha a condição dos homens que labutam e constroem o mundo; está imersa na praça destes homens e no meio deles é sinal de outro horizonte e garantia de nova humanidade; testemunha e anuncia, ou melhor, anuncia testemunhando uma cidade nova, Jerusalém do alto que desce de junto do Deus de misericórdia (cf Ap 21, 2); não é mais instância alta que decide e exige, mas vinda do alto é sobretudo *serva* no meio dos seus e está preparada de toalha à cinta para a diaconia permanente que a distingue como *serva*; intui permanentemente o último conselho do seu mestre (cf Jo, 13, 14-15).

A aventura começou em Jerusalém e terminará na mesma cidade; será um trabalho árduo de semear o evangelho nas cidades de hoje, sem tentações redutoras, com a totalidade da criação, abrindo brechas por entre anónimos que se deixam interrogar por surpresas, atentos ao imprevisto do Espírito que suscitará dos paralelepípedos da calçada vontades decididas que seguirão as recomposições adequadas na ingente colheita.

As reflexões que se fizeram semeiam-se como quem deita à terra a semente. Entretanto, prescinde-se de uma reflexão relativa ao papel dos santuários na cidade e na formatação das diferentes composições, pois o estudo já é longo. Fica o desejo de pensar a questão, averiguando como pode o santuário constituir-se em alta instância pastoral em muitas cidades.